

**PAB 149**  
**BOLETIM DO AUDITOR PROFISSIONAL**  
A mais Antiga Publicação Contínua sobre Dianética e Cientologia

**de L RON HUBBARD**

via Gabinete de Comunicações Hubbard  
35/37 Fitzroy Street, London W.1.

1 de Dezembro de 1958

**AUDIÇÃO SIMULADA**

**Passo Dois: Acusar a Recepção**

Compilado a partir de materiais de pesquisa e conferências gravadas de L. Ron Hubbard.

Audição Simulada, Passo Dois, Acusar a Recepção é a segunda parte do ciclo de comunicação. O facto real é que, quando você transmite um pensamento a um preclaro, é costume fazer prova. Toda a ênfase em acusar a recepção reside única e completamente em garantir que o preclaro recebe esse acusar de recepção do auditor. Esta é toda a ênfase.

Agora, porquê toda esta ênfase em acusar a recepção? Bem, acusar a recepção é um factor de controlo. Vou contar-lhe um segredo aqui mesmo no princípio. Se acusar bem a recepção a um preclaro terá o preclaro sob um muito melhor controlo. Porquê? A fórmula de controlo é Começar, Mudar e Parar. É isso mesmo: acusar a recepção é uma Paragem. Se lhe dissesse: "Continua" ou "Continua a falar" não lhe estaria a acusar a recepção. Acusar a recepção perfeitamente comunica apenas isto: *ouvi a tua comunicação*. É só: "*ouvi o que disseste*". Isto assinala que a comunicação do preclaro (ou da pessoa, visto que a Cientologia se aplica à vida e não apenas a uma sala de audição) foi recebida por si. Mas quando o utiliza como auditor utiliza igualmente como factor de controlo. E quer dizer isto: *a tua comunicação foi recebida, está tudo dito, é o fim do ciclo de acção, obrigado*. É isto que diz, e você tem que pôr toda a intenção nesse "Sim" ou "Okay" ou no que usar. Não é a palavra que o pára, mas a intenção. *A tua comunicação foi recebida e agora decidi parar este ciclo de comunicação, portanto a tua comunicação está sob o meu controlo*. As coisas que você pára muito cruelmente, são coisas que controla. Você tem que poder parar coisas se as quiser controlar. Se não pode controlar a linha de comunicação de um preclaro, não pode controlar o preclaro.

Vou dar-lhe um exemplo disto. Digamos que estamos a auditar a Senhora Rocha-dura, esposa do Director Geral da companhia de Insecticidas Picapulga ou coisa que o valha, e ela está aborrecida, (o seu único problema), e é maluca, (só mais uma coisa má); nunca teve nada que fazer, vive simplesmente recostada por aí, e tem queixas. Entra na sala de audição e começa a falar consigo. Diz ela: "Fui a este especialista e àquele especialista, e custou-me tanto e tanto, e estive aqui e estive ali, e o meu mal realmente é tal e tal, e o que você deveria ter em conta é isto, e patati e patatá...". Nada disso lhe diz respeito a si. Quanto mais deixar falar essa pessoa, menos havingness ela terá. Pode vê-la descer pela escala de Tom de ARC abaixo se a deixar falar mais. Comunicação obsessiva, efluxo obsessivo. E a primeira vez que realmente compreenderá de que se trata esta coisa de acusar a recepção, a primeira vez em que fará uso disso, será quando alguém começar a falar desta forma, a falar, a falar, e você, querendo começar a sessão, agarra numa intenção mesmo forte e diz-lhe: "óptimo!" E ele pára de falar. A sua intenção foi tal que ele soube que você tinha recebido a sua comunicação. E se for capaz de fazer isto muito bem, se puder acusar a recepção exactamente como deve ser, e se ele fizer exactamente o que é suposto fazer, com frequência olhará para si fixamente e dirá: "sabe, não creio que alguém me tenha escutado até hoje".

Porque fala esta pessoa obsessivamente? Ela está a tentar compensar em quantidade o que lhe falta em audiência. Ninguém escuta estas pessoas. Elas não falam para ninguém. E, de repente, surge você a acusar-lhe a recepção dizendo: "hê! Eu ouvi-o. Ouve isso. Comunicou comigo e agora basta". E eles dizem: "Uau! Creio que não tenha falado com alguém ate hoje". É deveras surpreendente. Eu vi um auditor com um caso de efluxo obsessivo colocar-se na frente do preclaro, fixá-lo nos olhos, agitar o indicador mesmo em frente do nariz desse preclaro e dizer: "Óptimo! Ouve isso". E o preclaro de repente disse: "Oh! Ena! Você está aí, não está?" Portanto, acusar bem a recepção pode realmente alcançar todo o objectivo do processo e permitir ao Pc encontrar o auditor, tal a importância disto.

Ora, é de uma especial utilidade parar um efluxo compulsivo. A sua utilidade geral é pôr um ponto final num ciclo de comunicação. Este termina no instante em que deu o comando que espero tenha aprendido a dar em Querida Alice, parte A. Você disse uma coisa, o preclaro ouviu, e comprehende então que o preclaro tenha ouvido e diz-lhe: "Óptimo". Agora a forma exacta como á feito Querida Alice parte B (o passo dois da audição simulada) á esta: O treinador, ou a pessoa que faz de preclaro, pega no livro Querida Alice e lê frases ao acaso. E ao ler as frases de qualquer forma, não nos interessa como (não estamos a disciplinar o preclaro, já se sabe; nunca fazemos isso, apenas os controlamos ate às portas da morte) neste caso particular esta pessoa diz alguma coisa tirada de *Alice no País das Maravilhas* e o auditor tem que dizer: "Está Bem", "Óptimo", "OKay", "Ouve", seja o que for, de forma a convencer mesmo a pessoa que está ali sentada a fazer de preclaro, que ouviu.

Ora, existe uma forma específica de fazer isto. É *tencionar* que o ciclo de comunicação termine nesse ponto e terminá-lo aí mesmo. Qualquer coisa para que isso aconteça, naturalmente legítima, para que não destrua por completo o ARC. Mas isso termina um ciclo de comunicação. Portanto, o que é que o auditor pode fazer neste caso? Já se vê, está ali sentado um auditor, sem livro; está ali o preclaro sentado com um livro, e o preclaro está a ler: "E o chapeleiro Louco mergulhou o relógio na chaleira" e o auditor diz: "Óptimo". Mas isso termina a coisa, já se vê. Agora, devido ao facto de o preclaro estar a ler uma história com continuação, e prosseguindo frase após frase, o auditor terá tendência a tratar isto "de passagem" e isso não é acusar a recepção. O auditor *poderia* dizer: "Bem, lê um pouco mais". Isto não é acusar a recepção; não o deteve, pois não? "Continue, vá em frente"... não, isto não é acusar a recepção em absoluto. Acusar a recepção É: "parou", "travões a fundo", "ponto final", "fim" "ouve", "comunicaste", "é o fim deste momento ", "fim de ciclo", "basta", "acabou". Percebe isto?

Portanto o auditor tem que dizer: "está bem", "óptimo", "okay", de forma a receber a comunicação aos olhos do preclaro. O preclaro tem que saber que o auditor recebeu a comunicação, e este é o único ponto em que são treinados... a princípio.

Em seguida podemos começar a apertar com eles e dizer: "acusaste a recepção à comunicação do pc? Fizeste isso?", poderíamos perguntar, como instrutores. E o auditor diria: "Bem, hum-hum...". "acusaste a recepção perfeitamente?" "Bem, com certeza". E a resposta a isso seria "Não". O preclaro ainda está a ler, ainda tem o livro na mão, ainda está sentado na cadeira, e ainda não está neste universo.

O que é que se pretende com isto? O que é que estamos realmente a tentar fazer? Bom, não estamos a tentar alcançar o máximo do acusar de recepção porque isso seria o fim do universo. Se alguém pudesse dizer: "sim", "está bem" ou "okay" com suficiente intenção por trás, todas as comunicações deste universo, desde o momento do seu começo, receberiam então um acusar de recepção total. (Excepto que isto violaria a fórmula da comunicação, porque nem todas lhe tinham sido dirigidas a ele, se bem que muitas pessoas pensem que sim). Mas o que o é que o auditor sente que lhe compete fazer? Bem, ele sente que lhe compete pôr termo a esse ciclo de

comunicação. Ele começou realmente com a frase do auditor para o preclaro, em seguida o preclaro deu a entender por qualquer espécie de estremecimento ou resmungo ou coisa parecida que ouviu, e então o auditor diz: "Bem, isso encerra o assunto. Bom. Óptimo. Terminado". Está a ver?

Mas acusar a recepção termina o ciclo de comunicação acerca do qual leu em *Dianética 55!*, que era o ciclo do Pedro e do João. "está bem" diz o auditor. Isto é fantástico. Se se tomar suficientemente hábil nisto, um polícia de trânsito vem ter consigo, diz-lhe alguma coisa, você acusa-lhe a recepção ao facto de ele ter falado e ele simplesmente volta a montar na sua motocicleta ou regressa ao posto, entrega a insígnia e reforma-se. Veja, isso seria o fim da história. Seria o fim. Na verdade, acusar a recepção faz cambalear as pessoas... fá-las cambalear, realmente. Particularmente as pessoas que estão a passar um mau bocado. É uma boa coisa e muito terapêutico para uma pessoa, saber que lhe acusaram a recepção. Sei que vai andar por aí nas lojas locais, talvez deter um peão na rua e de repente olhar para ele e dizer "está bem" acusando-lhe assim a recepção. E se o fizer acontecer-lhe-ão coisas fantásticas. Acusar a recepção é uma arma de fogo de dezasseis polegadas muito, muito poderosa na fórmula de comunicação; e não deveria usá-lo com parcimónia, mas servir-se dele para completar ciclos de comunicação. Espero que aprenda a fazer isso muito, muito bem.

L RON HUBBARD  
Fundador

Trad: ML:JP:RK:ml